

Abílio Mariz de Faria

A CRISE DE RELAÇÕES  
HOMENS—NATUREZA

SSS



.134.3-5Faria,Ab  
R

Barcelos  
1984



Abílio Mariz de Faria

# A CRISE DE RELAÇÕES HOMENS—NATUREZA

*A Biblioteca Municipal*

*6 autor.*

*Abílio Mariz de Faria*

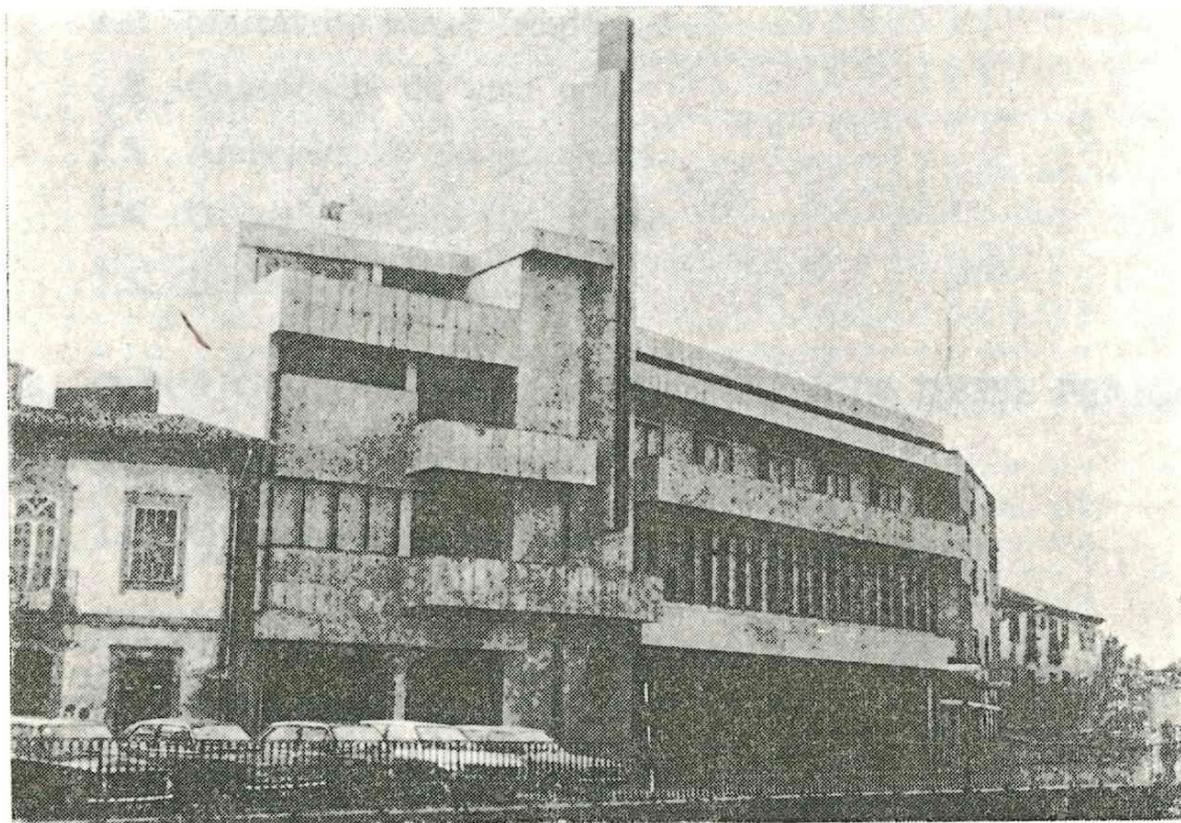
]]]]



Barcelos  
1984

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia Editora  
do Minho — Barcelos — Maio de 1984

*CONFERÊNCIA proferida no Salão de Festas dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos na Sessão Solene de inauguração do seu Quartel-Sede, em 19 de Junho de 1983.*





## 1. INTRODUÇÃO

1.1. Saudação

1.2. Apresentação do tema

## 2. A CRISE DE RELAÇÕES HOMENS-NATUREZA

2.1. Marcas do nosso tempo

2.2. Consciência de uma crise

2.3. Ambivalência do progresso

2.4. O conhecimento da Região

2.5. Intervenção programada

## 3. O PERIGO POSSÍVEL E A CONSCIÊNCIA DESSE PERIGO

3.1. O papel do Voluntário

3.2. O ensino-aprendizagem

## 4. SOCIEDADE EM MUDANÇA

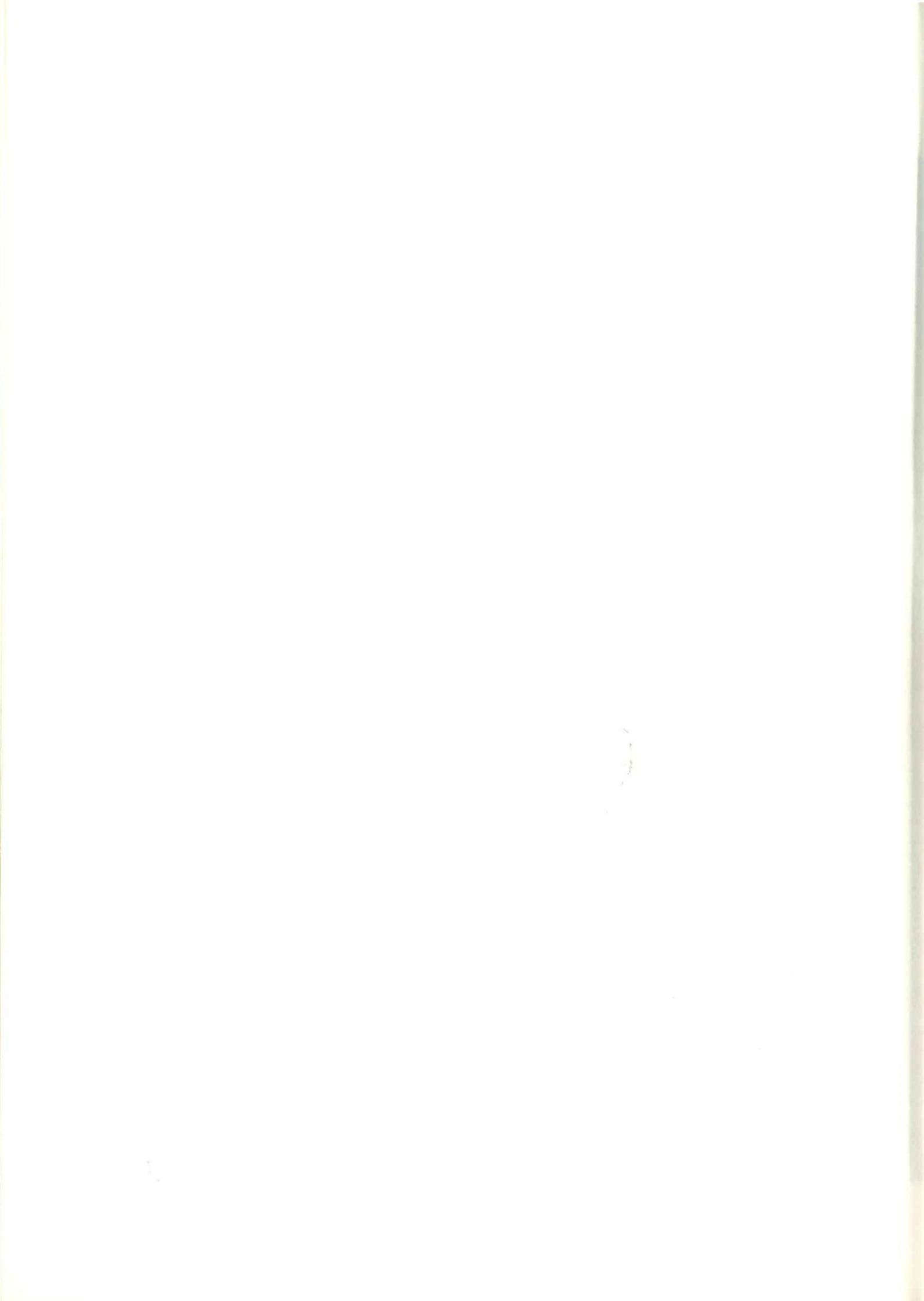
4.1. Criar caminhos novos

4.2. Optimismo ou pessimismo?

4.3. Os «Soldados da Paz»

4.4. Resposta individual

4.5. Um voto



## 1. INTRODUÇÃO

1.1. — Neste momento solene e festivo — a inauguração do Quartel-Sede dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos — não é necessário, creio-o bem, aduzir razões para justificar o nosso entusiasmo e a nossa presença aqui.

O Povo de Barcelinhos, onde gravitam as mais típicas e fecundas virtudes naturais e cristãs, vive um dos grandes acontecimentos da sua História. Buscando nos caminhos do progresso o natural prolongamento do seu destino, cobriu as suas melhores galas, juncou de flores as suas ruas para celebrar em triunfo tão notável empreendimento.

A nobreza e a distinção das suas nobres e distintas famílias; o brio e o dinamismo das suas múltiplas associações; a coragem e o bairrismo das suas gentes deram-se as mãos, unidos todos no mesmo ideal de amor e carinho à causa do Voluntariado.

Não é necessário, pois, dizia eu, justificar o motivo do nosso entusiasmo. Entretanto, é bom notar-se, o aparato desta Solenidade não é ostentação fátua sem uma significação própria. É antes um protesto feito de energias, uma aliança de brios, um momento de congratulações.

Com esta expansão festiva pretende-se, ainda, gravar nas páginas da História o apreço e a gratidão dum Povo a todos quantos colaboraram na concretização desta obra, desde há muito sonhada. Aliás, a presença aqui de V. Ex.<sup>cias</sup>, Senhor Arcebispo Primaz, Senhor Representante do Senhor Ministro da Administração Interna e Meus Senhores, sendo só por si motivo de júbilo para a nossa terra é também expressiva Homenagem aos nossos queridos Bombeiros com a qual vivamente nos congratulamos.

1.2. — É nesta perspectiva que me permito tecer algumas considerações, que julgo pertinentes, anuindo gostosamente a um honroso convite. Fixar-nos-emos, predominantemente, no espaço geo-social em que o Voluntário exerce o seu trabalho — trabalho altruísta e veiculador de uma ordem nova.

*A crise de relações homens-natureza* será o tema dominante. *O perigo possível e a consciência desse perigo*, numa sociedade em mudança, uma reflexão de circunstância.

Análise sucinta e despretenciosa, sem dúvida, mas que constitui Homenagem muito sincera a todos aqueles que se empenham nas causas do *Voluntariado*.

Gaston Bachelard na sua conhecida obra — *La Formation de l'esprit scientifique* — sublinha em idênticas circunstâncias: «é preciso reflectir para medir e não medir para reflectir»<sup>(1)</sup>. É o que nos propomos fazer neste momento e nesta Festa Grande dos nossos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos, que o é de todo o Voluntariado.

Vamos, pois, reflectir para agir.

## 2. A CRISE DE RELAÇÕES HOMENS-NATUREZA

2.1. — Cada período da história tem as suas preferências por aspectos diferentes da vida humana. Nestes tempos que são os nossos, o homem tomou plena consciência do seu espírito inventivo, do seu domínio sobre os diversos elementos da Natureza e da sua enorme capacidade de realização. Manejando com mestria as conquistas da ciência e da técnica, percorre avidamente os caminhos do progresso. A Ciência e a Técnica impõem-se, mais ou menos sub-repticiamente, como as grandes deusas do presente.

As Ciências Naturais, nomeadamente, retomando o processo evolutivo, encontram aí campo propício ao seu desenvolvimento e assumem-se ao mesmo tempo como teoria explicativa. Apresentam o homem como «o produto mais elevado do desenvolvimento superior,

---

(1) Bachelard, Gaston — *La Formation de l'esprit Scientifique*. P. U. F. Paris, pág. 213.

num progresso ou subida biológicos» (1) onde a independência crescente do organismo, em relação ao meio ambiente, surge como elemento essencial de progresso. Esta modificação dinâmica, dentro da dimensão do tempo, numa busca de perfeição bíblica, respeitando uma compatibilidade fundamental entre doutrina da evolução e doutrina da Revelação, e na medida em que o faz, não constitui apenas um fenómeno da vida do indivíduo, das raças e das espécies, mas também, por forma idêntica, fenómeno do Cosmos e da História.

É desconcertante, na verdade, a multiplicidade de formas novas e de formas que se extinguem, tanto no sector micro como macro-histórico. Processo que se deu e se dá de uma maneira estruturada, em «trends» sucessivos, de forma que quase sempre um caminho historicamente limitado acompanha um grupo humano. «A história humana está cheia de uma dinâmica que procura continuamente novas possibilidades de realização do humano» (2). Numa visão conjunta de traços isolados da história e aplicando critérios determinados, é possível verificar com nitidez um desenvolvimento ascendente, embora tenhamos de reconhecer que o processo avança através de muito caminho errado, malogros, guerras mundiais, terrorismo, etc.

O desenvolvimento que começou há cerca de dois séculos, aquando da primeira industrialização da máquina a vapor, processou-se num encadeamento lento, mas progressivo, que tem hoje seu expoente máximo nas armas nucleares e nas viagens espaciais.

A energia humana responsável pela emergência destes problemas, e da sua tendência para se agravarem em vez de se resolverem, é uma energia colectiva da qual todos nós somos um pouco responsáveis. Energia que continua a empurrar o processo evolutivo e ao mesmo tempo se revela incapaz de reconsiderar lucidamente a situação e de estabelecer uma vontade coerente entre os grupos humanos. Mais difícil ainda se lhe torna dominar as consequências das suas escolhas. Daí que se revele cada vez mais perigosa para a actual civilização e para a massa humana que pretende promover a um maior bem-estar. Pode até ocasionar, na marcha do progresso humano, uma ruptura de crescimento e de destruição dos bens já adquiridos. Parece mesmo que

---

(1) Broker, W. — *O Sentido da Evolução*. Patmos-Verlag. Dusseldorf, 1967, pág. 13.

(2) Broker, W. — *Op. cit.*, pág. 17.

o homem não pode ser, nem agir, nem cuidar de si próprio, senão correndo o perigo, pelo menos parcial, de falhar, e, em última análise de se perder. «Embora na posse de uma admirável ciência, adverte a Constituição *Gaudium et Spes*, a humanidade corre neste momento um grave perigo. Talvez chegue a essa hora funesta em que não experimentará outra paz senão a horrível paz da morte» (1).

## 2.2. — Donde nos é lícito perguntar:

Será que a maneira como o homem se trata a si próprio e à natureza que o cerca põe a humanidade em perigo?

Progressivamente se vai tomando consciência de que, neste campo, uma crise fundamental começa a desenvolver-se, à medida que as relações homens-natureza aparecem cada vez mais em oposição. As transformações provocadas na biosfera pelos efeitos do crescimento industrial, que faz «bola de neve» desde há mais de um século e que tomou nos últimos decénios uma amplitude espectacular; a degradação acelerada das potencialidades de subsistência nas zonas de maior densidade populacional; a concentração aumentada dos seres humanos, dos seus bens e das suas actividades em espaços restritos são alguns dos aspectos mais gritantes da crise que se torna cada vez mais evidente. Hoje, como no início da revolução industrial, temos de reconhecer que «o progresso é mais rápido na ciência do que na sua aplicação» (2).

As acções destrutivas de uma guerra ecológica permanente não são apenas a consequência involuntária da enormidade dos meios utilizados sobre certo número de objectivos, mas também o resultado de uma estratégia deliberada e coerente. Tais perigos, novos pela amplitude que acabam de tomar, correspondem aos sintomas mais recentes da crise global e atingem o conjunto da humanidade.

Com razão ou sem ela, as manifestações novas desta crise são comumente expressas, tanto pelo público como pelos cientistas e pelos políticos (mesmo que o façam em termos de ecologia, de uma ecologia essencialmente virada para a análise dos equilíbrios naturais). Aliás, «não é ser sensato violar despoticamente a Natureza sem ter em conta

---

(1) *Gaudium et Spes* — in «Concílio Ecuménico Vaticano II». Ed. Ap. Or. Braga, 1966, pág. 661.

(2) Ashton, T. S. — *A Revolução Industrial*. C. Saber, 4.<sup>a</sup> Ed., 1977, pág. 16.

os seus próprios recursos nem ter em consideração certas das suas leis que não se transgridem impunemente» (1).

Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer assinaláveis progressos no domínio das Ciências da Vida que deram ao homem tanto a possibilidade de uma medicina, de uma cirurgia e de uma higiene eficazes como um domínio crescente na domesticação do mundo animal e vegetal, sobretudo em benefício da produção de alimentos. Conseguiu-se um indiscutível maior bem-estar biológico, alimentar, saúde, etc. O ordenamento da sociedade, por sua vez, privilegiando o bem comum, pôs em circulação numerosos recursos culturais, ao alcance de todos.

2.3. — Estas conquistas, pelo bem que trazem à humanidade, nunca serão suficientemente exaltadas. Mas também aqui os aspectos negativos deixam marcas profundas. Múltiplos erros atingiram o homem a partir de dentro de ele mesmo, diminuindo-o fisicamente, alterando-o psiquicamente, falsificando-o cultural e eticamente. E o homem que pode agir cientificamente sobre si próprio de maneira directa — a descoberta do ADN, chave do código genético, é uma das mais recentes conquistas — e avança já no sentido da gestão científica da vida social, através um conjunto de modificações sociais muito profundas, é também o homem que se interroga seriamente sobre os aspectos negativos da marcha do progresso.

Nesta encruzilhada difícil do final de século, que o é também do milénio, a presença do *homo mechanicus*, sucedendo ao *homo faber* e ao *homo sapiens*, é cada vez mais nítida. Reina e governa como senhor soberano. Mais ainda. Neste processo de transformações sucessivas, segundo a expressão feliz de consagrado analista, «o *homo mechanicus* revelou-se cumulativamente, em relação à Natureza, o *homo praedator*: o agente de devastação, que passa, quase ciclónico, arrasando com impunidade, assolando sem piedade e destruindo sem necessidade» (2). O progresso técnico é, pois, incondicionalmente ambivalente, não no sentido de que pode ser aplicado para bem ou para mal, segundo o nosso critério e o nosso arbítrio, mas porque traz em si próprio uma série de elementos bons e maus. Cada progresso técnico resolve um certo

---

(1) Antunes, Manuel — *Indicadores de Civilização*. Ed. Verbo, 1972, pág. 16.

(2) Antunes, Manuel — *Op. cit.*, pág. 276.

número de problemas com que deparamos mas ao mesmo tempo provoca outros, geralmente de outro tipo, que seguramente não são menos difíceis de resolver que os primeiros. Poderá igualmente notar-se que todo o progresso técnico tem como consequência reflexos que são inteiramente imprevisíveis e que, depois de decorrido um certo tempo, nos põem perante questões novas e surpreendentes.

2.4. — À medida que se desenvolvem os sintomas principais desta crise, a harmonia das relações entre os homens e a natureza torna-se objecto de grande interesse. Vidal de La Blache (*La Géographie Universelle*, editada por A. Colin, Paris), mostra como as paisagens de uma Região são o resultado do emaranhamento, ao longo da História, das influências humanas e dos dados naturais. Não receou mesmo, como se lê em outra sua obra (*Tableau de La Géographie de La France*), dar foros de nobreza ao conhecimento da Região que propicia a análise das múltiplas interacções entre os «factos físicos» e os «factos humanos» em função de um espaço dado. Donde se infere que é ao conhecimento da Região no seu duplo aspecto, espacial e humano, que convém consagrar toda a atenção, se se quiser efectuar um trabalho de ajuda eficaz. Direi mesmo que o desenvolvimento da crise global da nossa época tornou indispensável o conhecimento e compreensão do espaço em que se enredam as múltiplas contradições que fazem a crise.

Para aí apontam também as conclusões do Congresso da Federação Internacional da Habitação e Urbanismo, recentemente realizado em Lisboa. O Documento-Síntese do Congresso adverte a dada altura que «a cidade do século XXI, para ser melhor que a do século XX, terá de ser mais integrada, reflectindo um quadro urbano mais complexo baseado em unidades arquitectónicas mais simples, menos dispendiosas, mais adaptadas às condições físicas, económicas, sociais e culturais do sítio e das gentes. A cidade prevista para o século XXI, para ser melhor, terá de ter mais em conta o homem que nela habita, as suas aspirações, inquietações e limitações». E foi mesmo ao ponto de reconhecer, na Sessão de Encerramento, que «as cidades como sistemas apresentam sinais notórios de deficiências de funcionamento (1).»

---

(1) *Comércio do Porto* — 20 de Maio de 1983.

2.5. — Urge, pois, abrir perspectivas novas ao conhecimento da paisagem natural, produto exclusivo das forças físicas, bem como da paisagem cultural, resultado das interferências do elemento humano, alterando a paisagem natural, criando factos novos, modelando uma paisagem humanizada. Enfim, localizar com precisão, delimitar e correlacionar os fenómenos naturais e culturais que se passam à sua volta, com uma certeza minuciosa, em ordem a uma intervenção programada.

Enquanto o homem viveu num mundo natural, numa sociedade tradicional, adaptou-se-lhe mais ou menos espontânea e instintivamente. O próprio homem era parte da natureza, mesmo apesar de certa distância e com certa diferenciação dessa natureza, e o facto de que nunca se lhe integrou completamente levou-o a tornar-se homem. Estava habituado e esforçava-se por isso, a modificar o mundo em seu redor para o adaptar a si. A sua ferramenta intelectual, embora limitada, dava-lhe essa possibilidade. Agora, na era da técnica, não há instinto ou espontaneidade que possam ajudar a viver nesse mundo. Já não há por isso adaptações espontâneas, mas chegamos ao estágio das adaptações desejadas, conscientes e organizadas. «O homem, a civilização devem vencer a intimação da máquina e, inclusive, da maquinaria — a automação — que corre o risco de condenar o homem a ócios forçados» (1).

### 3. O PERIGO POSSÍVEL E A CONSCIÊNCIA DESSE PERIGO

3.1. — E surge, então, a segunda questão:

Na nossa sociedade em evolução, a ritmo acelerado, a um tempo inevitável e evidente, qual o papel que o *Voluntariado* ocupa neste processo de mudança onde a criatividade-responsabilidade tem de ser nota dominante?

O Bombeiro Voluntário exerce a sua actividade na mais variada gama de espaços cuja dimensão vai desde a de uma cidade, à de uma

---

(1) Braudel, Fernand — *História e Ciências Sociais*. Ed. Presença. Lisboa, 1981, pág. 133.

grande área florestal, desde os complexos industriais mais sofisticados às obras de arte mais valiosas. Chamado a intervir no «domínio das coisas» e no «domínio dos homens» a sua tarefa situa-se entre as necessidades imediatas de uma população concreta, em situação de ruptura, e as obrigações fundamentais da autoridade legalmente constituída. Uma «charneira» entre os males reais e a capacidade de resposta da própria sociedade. Papel preponderante e função nobilíssima que compromete desde logo ambas as partes: o *Voluntário* que se apresenta como tal e a *autoridade* que o investe e mandata. Cada um com seus direitos e obrigações. Um e outro com o conhecimento profundo e sempre actualizado do espaço geográfico, humano e cultural a que pertencem e onde vão agir. A improvisação como norma e a falta de estruturas e equipamento têm que ser apenas lembrança do Passado, por mais façanhas heróicas que nos permitam cantar. O Voluntariado, hoje, tem que se estruturar segundo os dados da ciência e da técnica sucessivamente postos ao seu alcance.

3.2. — O ensino-aprendizagem que prepara os voluntários terá de ser planificado racionalmente. Não pode ser uma actividade espontânea dirigida por crenças inconsistentes e práticas rotineiras. Igualmente não é de admitir a ideia de uma programação escravizada a planos rígidos nem tão-pouco uma programação que não tenha em conta as circunstâncias concretas do meio ambiente. Aliás, o conceito científico de programação supõe a direcção científica do ensino e da aprendizagem, o que significa, por outras palavras «ter um plano de acção anterior ao desenvolvimento dessa acção» (1).

Pensar o que se vai realizar, marcar os objectivos que se pretendem, e com que meios, ordenar com sequência as acções que se vão empreender, considerar as circunstâncias do momento e da situação em que se vai actuar, tudo justificando e fundamentando, é programar cientificamente. Processo que implica, basilarmente, conhecimentos adequados sobre o «sítio e as gentes». Mais do que uma declaração de intenções a programação é um plano que se estabelece, que se segue, que se reformula, que se avalia e que se vai aperfeiçoando constantemente.

---

(1) Gimeno Sacristán — *La Programación Científica de la Enseñanza*», in «Apuntes de Educacion». Madrid, I, 1981, pág. 31.

Agente especializado do *Bem Público*, o Voluntário tem que ser um técnico que aplica conhecimentos científicos em ordem à defesa e transformação da realidade envolvente. A descoberta da realidade permanece no futuro como até hoje a tarefa primeira, e sem ela nada se alcançará. Por isso devemos tentar ajuizar de cada situação concreta, e da sociedade técnica em particular, com a mais elevada medida de realismo. E eu creio, teria mesmo muita dificuldade em admitir o contrário, que o realismo é uma das características do pensamento de todo o que milita nas amplas fileiras do *Voluntariado*. Daí o conhecimento do meio ambiente e a preocupação de estudar as interacções entre os «factos humanos» e os «dados naturais». O conhecimento da Geografia Física e da Geografia Humana, pois, nas relações do homem com a natureza está a génese do perigo possível que o Voluntário é chamado a evitar ou sanar.

Conhecer o perigo possível e tomar consciência desse perigo é condição *sine qua non* a uma actuação consciente e responsável.

#### 4. SOCIEDADE EM MUDANÇA

4.1. — Vivemos numa sociedade em que tudo é transitório e, pior do que isso, problemático e nebuloso.

O equilíbrio individual, a estabilidade das instituições e da vida em comunidade, os valores tradicionais estão submetidos a frequentes choques e modificações. Vantajosas ou não, elas exigem do homem uma capacidade de adaptação sem precedentes.

Desapareceram os padrões tradicionais de referência. Foram substituídos por pessoas e situações que mudam da noite para o dia. E esta alternância gerou no homem um cansaço e esgotamento angustiantes. Cansaço e esgotamento que lhe vêm não do contacto com os mesmos padrões de referência, mas da sua substituição contínua. Daí a insegurança, o cepticismo e as tensões.

O homem do século XX assume-se como um homem voltado para o futuro, embora se sinta esmagado pelas contradições do presente: viagens espaciais e subdesenvolvimento; explosão escolar e multidões de analfabetos; fabulosas conquistas no domínio da gené-

tica e guerras contínuas; televisão a cores e raios laser ao lado de terrorismo, drogas e perigo atómico.

Neste mundo plural e conflituoso, a passividade ou a rotina, os esquemas intelectuais estratificados e retrógrados ou uma educação preocupada com ninharias e situações anedóticas, não têm mais sentido.

Criar caminhos novos e soluções não pensadas, inventando o futuro, é a única via. «Ser criador não é uma característica de uns poucos grandes espíritos, mas uma qualidade comum a muitos homens, e, em última instância a todos os indivíduos» (1).

4.2. — Perante a visão deste quadro, tecido de luz e sombra pelo dinamismo de uma ciência e de uma técnica ainda não suficientemente controlada, quais os sentimentos que nos dominam?

O medo ou a confiança?

O optimismo ou o pessimismo?

O homem do século XX pode imaginar, de facto, ora uma humanidade melhorada pela maneira como se transforma sob a direcção da ciência — tal como geralmente o fez o optimismo cientista do século XX, herdeiro da filosofia das luzes — ora uma humanidade que, por querer aplicar indevidamente os recursos da ciência cairia na armadilha duma sofisticação radical de si própria.

Na impossibilidade de se limitar aos hábitos do passado, o homem não fica por isso a saber completamente aquilo que a sua humanidade deverá e poderá ser. Cada época tem de tentar aquilo que poderá ser, pronta a emendar as tentativas feitas nesta ou naquela direcção no momento em que se torna realmente claro que não conduzem nem podem conduzir a nada de bom. É o que acontece e acontecerá com o uso dos novos conhecimentos que as Ciências da Vida e do Homem colocam permanentemente ao nosso alcance. «A procura do conhecimento científico é, no mundo moderno, incontestavelmente uma profissão — uma nova alternativa em relação à caça, lavoura, indústria, comércio, guerra — e uma nova actividade que tem a ocupação de procurar aquelas partes do «conhecimento» que ainda não se conhe-

---

(1) Matussek, Paul — *La Creatividad desde una perspectiva psicodinámica*. Ed. Herder, Barcelona, 1977, pág. 7.

cem» (1). E certamente que a modalidade humana da marcha para o futuro é a de uma acção prosseguida em nome de objectivos concretos, no seio dos quais o Bem e o Mal incessantemente se confundem e dispõem em alternativas de causalidade.

4.3. — Foi Albert Einstein quem disse que «apresentar um problema é quase sempre o passo mais decisivo para o resolver» (2). De facto, é fundamental saber-se onde está a dificuldade, conhecer as carências que procuramos ultrapassar ou os impedimentos que obstam à realização de um objectivo novo. Avaliar a exacta dimensão desse obstáculo, *o porquê* e *o como* nos impede, é a única maneira de o superar.

A nossa intenção aqui foi apenas alertar e ajudar à reflexão sobre tão momentoso problema apontando para medidas adequadas que defendam e desenvolvam a harmonia entre o homem e a natureza. E alertando para o problema nós estamos implicitamente a enaltecer todos aqueles que, do Norte a Sul do País, se inscrevem nas fileiras do *Voluntariado* num gesto sempre nobre e digno de intervir em situações de crise. Intervenção que, por mais paradoxal que pareça, além de prevista tem de estar cientificamente preparada, com a agravante ainda de serem múltiplas as suas frentes de trabalho.

É, pois, nestas circunstâncias algo complexas e por vezes dramáticas, e na eminência de tais perigos, que os *Voluntários* renovam e actualizam incessantemente o seu lema e compromisso altruísta: VIDA POR VIDA.

Ter os olhos abertos e os ouvidos atentos às angústias do mundo, conhecer a arte de uma cooperação que deixa ao outro o sentido da sua responsabilidade, saber ser útil sem se impôr, servir sem estorvar — são características da V. actividade permanente de Voluntários. Atitude que vos coloca na verdade das relações com o outro e floresce em serviços diversos, em obras eficazes. Daí o epíteto de «Soldados da Paz» com que justamente sois conhecidos. Daquela Paz que, como disse Paulo VI na sua mensagem à ONU, se constrói com o espírito, as ideias e as obras de Paz. Este é o autêntico rosto da Vossa personali-

---

(1) Childe, Gordon — *O Homem faz-se a si próprio*. Ed. Cosmos, Lisboa, 1947, pág. 501.

(2) Ibanes, R. Marin — *La Creatividad*. Ed. CEAC, Barcelona, 1980, pág. 115.

dade; o aspecto mais belo da Vossa *mensagem* — *acção*, a Vossa obra essencial.

4.4. — Tão ampla tarefa, erçada de dificuldades, ultrapassa certamente o âmbito necessariamente estreito dos Bombeiros Voluntários. Todos de alguma maneira somos chamados a colaborar por estrito dever de justiça. Se a terra é só uma, como lembrou a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, o ambiente diz respeito a todos, pelo que a sua defesa responsabiliza cada um de nós. Para que esta participação, desejada e necessária, se possa concretizar, impõe-se um estilo novo de vida para todos. «A salvaguarda do futuro consegue-se através da correcção das nossas acções no dia-a-dia; e estas só poderão mudar se nós próprios alterarmos a atitude, tradicionalmente egoísta, perante a vida e os irmãos» (1).

Importa, pois, orientar a reflexão epistemológica em relação a todos os tipos de discurso e de representação que se referem ao espaço geográfico e às actividades humanas que aí se desenvolvem.

«Importa estudar, no espaço rural e urbano, uma série de elementos de interdependência, dos quais alguns são sobretudo influenciados pelas condições locais e outros por fenómenos que se desencadeiam à própria escala mundial» (2).

Importa prestar atenção a todas estas manifestações de crise urbano-industrial, à poluição, ao desequilíbrio progressivo do meio ambiente, mas também e muito concretamente, às reacções que ela provoca de instabilidade e de medo até, nas populações habitual ou esporadicamente atingidas.

Importa, por último, orientar a reflexão sobre a prática daqueles que têm poder sobre o espaço, daqueles que decidem sobre o desenvolvimento das cidades e das implantações industriais, enfim, daqueles que dirigem o aparelho de Estado, para que a tarefa dos *Voluntários* seja progressivamente facilitada e em condições que respeitem minimamente a sua disponibilidade interior e a sua capacidade de servir. Eles são chamados a completar em cada momento o que ainda fica por completar na vida do homem e das instituições, bem como no

---

(1) *Boletim da CNA*, Ano VIII, n.º 7, 1982.

(2) Derruau, Max — *Geografia Humana*, Ed. Presença, Lisboa, 1973, pág. 256.

espaço geográfico que os circunda e onde se desenvolve a actividade de uns e de outros.

O êxito do seu empreendimento, condicionado em parte aos meios científicos e técnicos postos ao seu dispor, depende essencialmente da sua capacidade de renovação, ajustando-se progressivamente às carências de cada época e de cada Região.

4.5. — A terminar, e na visão deste quadro de luz e sombra que é a vida do homem em sociedade e nas suas relações com a natureza, recordo, ainda, palavras do Papa Paulo VI, em 1976, ao receber cerca de mil jovens bombeiros que nas Escolas Centrais Anti-Incêndio, na cidade de Roma, haviam terminado os seus cursos: «O que vos é necessário, dizia o Papa, é sem dúvida uma coragem não comum, acompanhada de um sólido auto-domínio, de imediata prontidão, de notável altruísmo, de uma intenção de solidariedade permanente. Todos estes são dotes que pertencem essencialmente à ordem moral e dos quais brotam, em grande parte os serviços, algumas vezes até heróicos, que as circunstâncias poderão requerer de vós» (1).

Bem hajam, pois, todos os Bombeiros Voluntários pelo seu compromisso altruísta: VIDA POR VIDA!

Bem hajam os Bombeiros Voluntários de Barcelinhos pelo muito que têm feito! O caminho percorrido fez descer já sobre alguns os louros da glória e do triunfo; a meta que vos espera é praia aberta a todas as realizações onde não cabem os pusilâmines e inconstantes.

Enfim, um voto:

Que as gestas do Passado, modelares e heróicas, galvanizando os presentes para a edificação deste *Quartel-Sede*, espelho da sua vida diária, sejam luz e fermento nas gerações futuras.

---

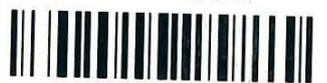
(1) *Diário do Minho* — 28 de Dezembro de 1976.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, MANUEL — *Indicadores de Civilização*, Ed. Verbo. Lisboa, 1972.
- ASTON T. S. — *A Revolução Industrial*. C. Saber. 4.<sup>a</sup> Edição. Lisboa, 1977.
- BACHELARD, GASTON — *La Formation de l'esprit Scientifique*. P. U. F. Paris, 1965.
- BRAUDEL, FERNAND — *História e Ciências Sociais*. Ed. Presença. Lisboa, 1981.
- BROKER, W. — *O Sentido da Evolução*. Patmos-Verlag. Dusseldorf, 1967.
- CHILDE, GORDON — *O Homem faz-se a si próprio*. Ed. Cosmos. Lisboa, 1947.
- Comércio do Porto*. Ed. Porto.
- DERRUAU, MAX — *Geografia Humana*. Ed. Presença. Lisboa, 1973.
- Diário do Minho* — Ed. Braga.
- Gaudium et Spes* — in «Concílio Ecuménico Vaticano II». Ed. Ap. O. Braga, 1966.
- GIMENO SACRISTAN — *La Programación Científica de la Enseñanza*, in «Apuntes de Educacion». Madrid. Número I, 1981.
- IBAÑES, R. MARIN — *La Creatividad*. Ed. CEAC. Barcelona, 1977.
- MATUSSEK, PAUL — *La Creatividad desde una perspectiva psicodinámica*. Ed. Herder. Barcelona, 1977.
- PESSOA, FERNANDO — *Parques Naturais*. Boletim n.º 7.



biblioteca  
municipal  
barcelos



12674

A crise de relações  
Homens-Natureza

(E  
8  
F